
1

RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE SEMÂNTICA-ESTILÍSTICA PELA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS

Celso Ferrarezi Jr. (Unifal-MG) ¹

Resumo: Este artigo apresenta algumas confluências entre os estudos estilísticos e os estudos em Semântica Cultural, esta sob a perspectiva da Semântica de Contextos e Cenários (Ferrarezi Jr., 2010, 2018). Procura evidenciar de que formas uma Semântica dessa natureza pode auxiliar na compreensão de aspectos estilísticos de nossa língua, bem como evidenciar a necessidade de que os estudos linguísticos mais amplos, que buscam uma compreensão menos fragmentária das línguas naturais, sejam realizados por meio de abordagens interfaciais. Como exemplificação, são tratados traços estilísticos de personalidade, de propriedade e de identidade, por meio dos quais fica claro que o estilo se manifesta, também, para além da manipulação da estrutura linguística pelo locutor/escritor e que uma visão cultural do fenômeno pode auxiliar grandemente na compreensão do estilo como uma ocorrência mais ampla do que tradicionalmente o tema tem sido tratado.


Palavras-chaves: 1. Estilo. 2. Sentido. 3. Estilística. 4. Semântica. 5. Semântica de Contextos e Cenários.

Abstract: This article presents some confluences between stylistic studies and studies in Cultural Semantics, this from the perspective of the Semantics of Contexts and Sceneries (Ferrarezi Jr., 2010, 2018). It seeks to highlight the ways in which a Semantics of this nature can assist in the understanding of stylistic aspects of our language, as well as the need for broader linguistic studies, which seek a less fragmentary understanding of natural languages, to be carried out through interfacial approaches. As examples, stylistic traits of personality, property and identity are treated, through which it is clear that the style also manifests itself beyond the manipulation of the linguistic structure by the speaker / writer and that a cultural view of the phenomenon can help largely in understanding the style as a broader occurrence than traditionally the topic has been addressed.

Keywords: 1. Style. 2. Sense. 3. Stylistics. 4. Semantics. 5. Semantics of Contexts and Sceneries.

Resumen: Este artículo presenta algunas confluencias entre estudios estilísticos y estudios en Semántica Cultural, esto desde la perspectiva de la Semántica de Contextos y Escenarios (Ferrarezi Jr., 2010, 2018). Busca resaltar las formas en que la Semántica de esta naturaleza puede ayudar en la comprensión de los aspectos estilísticos de nuestra lengua, así como resaltar la necesidad de estudios lingüísticos más amplos, que busquen una comprensión menos fragmentaria de los lenguajes naturales,

¹ Professor Titular de Semântica. Instituto de Ciências Humanas e Letras/ UNIFAL-MG.



que se lleven a cabo a través de enfoques interfaciales. A modo de ejemplo, se tratan rasgos estilísticos de personalidad, propiedad e identidad, a través de los cuales queda claro que el estilo también se manifiesta más allá de la manipulación de la estructura lingüística por parte del hablante / escritor y que una visión cultural del fenómeno puede ayudar en gran parte en la comprensión del estilo como una ocurrencia más amplia de lo que tradicionalmente se ha abordado el tema.

Palabras clave: 1. Estilo. 2. Sentido. 3. Estilística. 4. Semántica. 5. Semántica de Contextos y Escenarios.


Introdução

Mattoso Câmara, em seu “Contribuição à Estilística Portuguesa”, afirma que

“dificilmente, uma única metodologia e uma única conceituação poderiam abarcar o estudo do exercício da linguagem e [do] simbolismo que se lhe sotapõe.”
(Câmara Jr., 1978:7)

Isso é cada vez mais evidente, passadas já algumas décadas das observações desse importante linguista brasileiro e diante de tantas proposições teóricas disponíveis. A cada nova abordagem realizada, a cada nova pesquisa, a linguagem humana nos assombra e nos deslumbra com sua complexa simplicidade, com uma organicidade, ao mesmo tempo, enxuta e riquíssima de detalhes.

No presente artigo apresentaremos algumas confluências entre os estudos estilísticos e os estudos em Semântica Cultural, mais propriamente em Semântica de Contextos e Cenários (Ferrarezi Jr., 2010, 2018). Procuraremos evidenciar de que forma uma Semântica dessa natureza pode auxiliar na compreensão de aspectos estilísticos de nossa língua, bem como evidenciar a necessidade de que os estudos linguísticos mais amplos, que buscam uma compreensão menos fragmentária das línguas naturais, sejam realizados por meio de abordagens interfaciais.



A Semântica de Contextos e Cenários

A Semântica de Contextos e Cenários – doravante apenas SCC – é uma teoria brasileira da linguagem, apresentada oficialmente ao nosso país em 2010².

Inserida no campo das semânticas culturais, estabelece como máxima que os *sentidos* de um sinal linguisticamente considerado apenas se especializam em um *contexto* e que os sentidos contextuais se especializam apenas em *cenários* possíveis (reais ou imaginários) de enunciação. Isso cria a necessidade de compreensão e de interseção da dimensão linguística (contexto) e da dimensão extralinguística (cenário) para a elucidação das formas de especialização dos sentidos dos sinais (os sinais, em nossa língua, são principalmente a *palavra* e tudo o que a acompanha – melodias, gestos, ordem de composição etc.).

Nesse ponto é importante frisar que os fatos de se levar em consideração os aspectos mais amplos relativos aos cenários de enunciação e todas as informações de ordem cultural, mobilizam a SCC em busca de sentidos outros que não apenas os sentidos referenciais, que apontem para uma “extensão de significado” nos moldes clássicos de uma Semântica Formal, ou para condições de verdade, como proposto por Semânticas Verifuncionais. Em SCC, importam os valores e aspectos mais amplos da cultura, “sensações de sentido” como *certo, errado, adequado, inadequado*, valores morais, éticos e outros valores ideológicos, enfim, qualquer dimensão de sentido que se possa auferir a partir de uma expressão linguística.

E, já que falamos em “sentidos” e “sensações de sentidos”, outra diferenciação pilar para essa teoria é a que se faz entre *significados* e *sentidos*. Aqueles, não são objeto de estudo da linguística, mas da neurologia. Significados são tomados como objetos de natureza neurológica que apenas se manifestam linguisticamente na forma de sentidos. Sentidos são objetos de natureza cultural, construídos e compartilhados em ambientes culturais em função de nossa visão de mundo. Assim, atribuímos sentidos a materiais

² cf. Ferrarezi Jr. 2010.



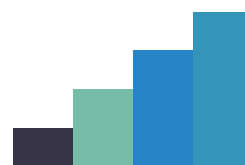
linguísticos, mas também a materiais não-linguísticos, o que já estaria no campo dos estudos semióticos mais amplos.

Como dissemos acima, embora construídos culturalmente, os sentidos podem ser associados aos sinais das línguas naturais nas situações de uso. Isso implica que nenhum sinal linguístico tem sentido apriorístico, anulando-se os conceitos de conotação e de denotação³. Não havendo sentidos literais, pois os sentidos das palavras são associados a elas apenas em função do contexto e do cenário, somos apresentados aos conceitos de *sentido costumeiro*, qual seja, aquele que é mais comumente usado em associação com determinada palavra em um ambiente cultural específico (como falar de “osso” em um açougue com o “sentido biológico”: “osso de vaca”, “osso de porco” etc.) e de sentido especial (aquele que se diferencia dos usos costumeiros de uma palavra em determinado ambiente cultural, como falar em “osso duro de roer” para referir-se a um tipo de pessoa). Essa diferenciação relacionada aos ambientes de produção nos mostra que uma associação de sentido que é costumeira em determinado ambiente pode ser inusitada em outro.

Além dessas diferenciações, para a SCC, também é importante diferenciar os sentidos (em aspecto amplo) dos sentidos individuais (chamados de sentido), que podem ser construídos pelos falantes de forma muito pessoalizada e em função de suas vivências e leituras do mundo.

É por meio dessas duas dimensões do sentido, ambas associadas às palavras em uso, que os interlocutores conseguem utilizar uma língua natural como um sistema aberto de representações de suas visões de mundo (pois, na verdade, os falantes não representam com a linguagem o mundo em si, mas as formas como o veem pelos prismas de sua cultura e de suas idiossincrasias) e, assim, concretizar o uso linguístico natural em todas as suas dimensões (representativa, cultural, social etc.), constituindo e sendo constituídos pela linguagem ao mesmo tempo.

³ O conceito de *homonímia perfeita* também perde seu valor em uma teoria como essa. Nesses casos, trata-se apenas da mesma palavra que é associada a sentidos diversos em contextos e cenários diferentes, como p.e.: “manga da camisa”, “manga d’água”, “manga coquinho”.



Esse complexo sistema de atribuição de um sentido a uma palavra (e tudo o que com ela compõe uma unidade de sentido) decorre do processo de *especialização de sentidos*, cujo *princípio* é assim descrito em Ferrarezi Jr. (2010:113):


“Especialização de sentido é a definição exata do sentido (e do sentido_i) associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra x, em um contexto y e em um cenário w, devidamente identificados e definidos, estará associado e um e apenas um sentido s e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência v, e não outra, em um mundo m.”

Isso posto, cabe ampliar, agora, o conceito de sentido nas línguas naturais, o que nos será útil para as argumentações que se seguirão.

O sentido

Como pudemos ver no subtítulo anterior, a SCC despreza a ideia de que as palavras possam ter sentidos literais. Diferentemente disso, explica que é a apenas o *uso costumeiro* de uma palavra que nos dá a ideia de literalidade. Isso abre muito o leque de compreensão do que seja o sentido e de como ele atua quando associado às palavras de uma língua. Mas, além disso, a SCC considera que o sentido é muito mais do que uma ideia estanque que pode ser associada a uma sequência fonética pronunciada nos moldes de uma fonologia estruturalista básica.

Na verdade, associamos sentidos a muitos outros materiais que outrora foram desprezados nos estudos linguísticos, mas que, hoje, compreendemos ser essenciais no processo de comunicação. Há sentido em muito mais elementos do que apenas nos fonemas e em suas composições mórfico-lexicais. Esses elementos (como uma expressão facial, um gesto, uma postura corporal, a melodia de pronúncia – que inclui aspectos de duração, entonação melódica, ritmo, modulação e impositação de voz etc. -, a escolha vocabular, a forma de construção das sentenças, entre tantos outros) nos



ajudam a compor nossa expressão linguística de diferentes maneiras. Aqui, nos interessam apenas três de inúmeras possibilidades:

- a. pessoal ou impessoal;
- b. apropriada ou inapropriada a determinado cenário;
- c. representativa de certos padrões culturais e/ou ideológicos identitários.

É mister que se ressalte, novamente, que não é apenas pelos sentidos costumeiros das palavras que atribuímos sentidos à fala de alguém, mas por meio de um conjunto de elementos expressivos muito mais amplo e complexo que nos fornece as pistas de que precisamos para identificar se uma fala⁴ em questão corresponde à forma de falar de alguém em especial (traço estilístico de *pessoalidade*), se é apropriada a determinado cenário de uso (traço estilístico de *propriedade*) ou se é representativa de um valor sociocultural ou ideológico estigmatizado, marcador de identidade (traço estilístico de *identidade*).

É claro que esses traços estilísticos não são estanques. Eles se entrecruzam e, por isso, são dificilmente isoláveis mesmo para fins de descrição científica. Mas, os falantes naturais de uma língua os percebem muito claramente e operam com eles de forma magistral em função de suas necessidades expressivas mais cotidianas. É a partir de traços como esses, entre outras coisas, que conseguimos definir o aspecto estilístico da fala. Nesse ponto, uma teoria semântica como a SCC, que leva em consideração, para a definição de sentido, muito mais do que estruturas linguísticas puras e sentidos costumeiros, pode ajudar bastante nos estudos estilísticos. Mas, o que consideramos como *estilo*, aqui?

⁴ Neste artigo, estou usando a ideia saussureana de fala como base das manifestações linguísticas naturais, mas creio que as ideias aqui apresentadas se aplicam com muitos poucos problemas a construções escritas.



O estilo

Recorremos novamente a Mattoso Câmara, agora para iniciar uma discussão mais profunda sobre o estilo. Segundo ele (op. cit., p. 10), quando consideramos os usos que se faz da linguagem, “há para considerar... a manifestação anímica, a atuação social ou apelo e a representação mental” do indivíduo que constrói a expressão linguística. Isso vale para a fala cotidiana tanto quanto vale para as formas mais sublimes de poesia.


Pensar o contrário seria reduzir a linguagem (e os falantes) a apenas um ou dois de seus múltiplos aspectos essenciais e esquecer o caráter constitutivo das línguas naturais (cf. Franchi, 2011).

Essa relação entre a língua, a cultura e o falante está evidente na conceituação de estilo apresentada por Câmara Jr. (idem, p. 13): “estilo é a definição de uma personalidade em termos linguísticos.” Considero que tal definição seja tão profunda e profícua que demandaria vários artigos para sua discussão, mas, aqui, quero tomar apenas dois aspectos emprestados a ela e comentá-los para os fins do presente trabalho:

- a. uma personalidade se define por idiossincrasias e;
- b. uma personalidade se define, também, por alteridade, em ambiente cultural.

Essas duas dimensões, cultural e individual, tão presentes a todo o tempo nas manifestações linguísticas, merecem atenção de Mattoso Câmara, que afirma (ib., pp. 13-14) que grande parcela do que percebemos como estilo escapa ao conceito saussureano de língua como objeto puro de um aprendizado social. Essa é uma parcela da língua que carrega a emoção e a vontade dos indivíduos.

Para tanto, uma língua natural nos fornece um grande número de recursos que vão além dos poucos aspectos estudados tradicionalmente pelos estruturalistas. Mas, o impressionante é que a língua acaba absorvendo desses recursos - que ela mesma adota! - uma carga afetiva em seus elementos, carga que a transfigura como produto de uma inteligência individual. O estilo é, assim e ao mesmo tempo, cultural e individual, produto e produtor da linguagem, uma forma e um elemento transformador das línguas naturais. Mas, acima de tudo, *o estilo é sempre uma manifestação de sentidos.*



A interface Semântica-Estilística

Como vimos, o estilo, enquanto definição linguística de uma personalidade, carrega em si traços culturais e traços individuais. À Estilística, por decorrência, ainda segundo a mesma obra citada de Mattoso Câmara (ib., p. 15), caberia três tarefas primordiais que resumimos aqui:

- a. caracterizar o que seria puramente individual e não-estrutural na linguagem;
- b. isolar os traços estruturais da língua que apresentem características pessoais e;
- c. juntar as informações acima de maneira a caracterizar os procedimentos que permitem a uma língua natural se transformar em um conduto de “*enérgeia* psíquica”.

Nessas três tarefas idealizadas por Câmara Jr., temos duas dimensões bem marcadas: na primeira tarefa, aquilo que parece ser mais idiossincrático e pessoal e, na segunda, os limites de manipulação estrutural que um indivíduo possui em sua língua garantindo, porém, as propriedades básicas da enunciação (portanto, algo que parece ser mais cultural e menos pessoal). A terceira tarefa decorre das duas primeiras.

Incomoda-nos, porém, o fato de que muitos têm entendido essa *individualidade* envolvida na primeira tarefa como algo absolutamente pessoalizado no falante. E isso não é verdadeiro. Citando Bally e Sapir, Mattoso Câmara (ib., p. 16) diz o seguinte:

“Nem a individualização é aí, em regra, muito nítida e rigorosa. Estamos por demais impregnados na atmosfera social para apresentar a este respeito uma originalidade a cem por cento. “Muitas vezes” – comenta Sapir, encarando o tema da análise da linguagem do ponto de vista do estudo da personalidade – “temos a impressão de ser originais e até aberrantes quando, em suma, estamos apenas repetindo um padrão social com a mais ligeira das notas de individualidade.”



E completa:

“O estilo individual se esbate, assim, no estilo de uma época, de uma classe, de uma cidade, de um país. E é desta forma que se pode falar até no estilo de uma língua.”

Oras, do que é, senão da cultura que nos envolve e na qual geramos os sentidos que associamos aos sinais linguísticos, que Mattoso Câmara fala nesse excerto? O trecho torna claro que um estilo só se estabelece como tal e só assume a função de elemento de expressão de uma personalidade por *alteridade* – é a “leve nota dissonante” de que fala Sapir contraposta às “harmonias” da cultura. *O estilo só tem razão de ser no ambiente cultural*. Nesse sentido, se pudéssemos imaginar uma pessoa que nunca tivesse tido contato, após seu nascimento, com qualquer outro ser humano, e, mesmo assim tivesse desenvolvido algum tipo de linguagem, tal pessoa estaria privada de ter um estilo, porque ela seria, em si mesma, cem por cento de sua cultura e nela não haveria possibilidade de nota dissonante nem de alteridade.


Vê-se, por isso, que uma Semântica que leve em consideração todos os aspectos culturais na construção de sentidos têm uma contribuição significativa para prestar à Estilística, justamente porque ela vai além do sentido *stricto sensu* de uma palavra e apreende todas as nuances de sentido de uma língua, o que inclui o *sentido do estilo*. Em conjunto, essas duas ciências podem desempenhar mais consistentemente as tarefas imaginadas por Mattoso Câmara do que seriam capazes de fazer isoladamente.

Passemos, portanto, a exemplos de como isso funciona.

O sentido do estilo

Vamos retomar, aqui os três traços estilísticos que ressaltamos anteriormente para, agora, exemplificá-los:

a. traço estilístico de *personalidade*;



b. traço estilístico de *propriedade*;

c. traço estilístico de *identidade*.

Como estabelecido no subtítulo anterior, todo traço estilístico apenas se evidencia por alteridade em ambiente cultural, embora possa ter sua construção também calcada em idiossincrasias. É por meio de um complexíssimo conjunto de oposições que uma língua natural funciona, já ensinava o mestre Hjelmslev (2003). Essa é uma afirmação tão velha quanto a Linguística e que nunca se conseguiu derrubar. Ela vai além do estrutural e chega aos domínios do estilo. Dessa forma,

a1. o que se caracteriza como um traço estilístico de personalidade é tudo aquilo que se diferencia do padrão cultural coletivo (estilo *pessoal*) ou que corrobora esse padrão (estilo *impessoal*);

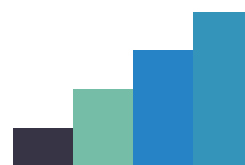
b1. o que se caracteriza como um traço estilístico de propriedade é todo o uso que se caracteriza como “soante” (estilo *próprio* ou *adequado*) ou “dissonante” (estilo *impróprio* ou *inadequado*) em relação ao padrão próprio de um ambiente cultural específico;

c1. o que se caracteriza como um traço de identidade de grupo é tudo aquilo que se caracteriza como próprio de um grupo isolável do todo social (estilo *identitário*), um grupo tomado do ponto de vista de sua oposição ao coletivo maior da sociedade.

Sem adentrar o campo da literariedade e nos mantendo no terreno não menos complexo das falas cotidianas, podemos tomar, a título de exemplificação desses traços:

Para o traço estilístico da individualidade

O traço estilístico de individualidade é aquele que resulta em *diferenciar um falante de outro a partir de aspectos que um consegue imprimir idiossincriticamente em sua fala ou escrita e que outros não conseguem ou, simplesmente, não imprimem por quaisquer razões.*



Há pouco tempo, um personagem já “folclórico” da cidade de Quixeramobim, no Ceará, conhecido como Carro Velho, logrou grande popularidade a Internet⁵ por sua forma peculiar de falar. Em uma gravação feita a partir de uma participação dele em um programa local de rádio, entre outras expressões que aparecem nessa sua fala mais conhecida, expressões que são dedicadas como *elogios* a outro personagem local, estão: “pessoa subjetivamente qualificado”, “pessoa medicocrático, retombante, cabriocária”, “dentro da consequência mediováigel”, “pessoal inoxidável”, “pessoa estrombólicas”, “pessoa rélpis”, “pessoa batráqueo”, “pessoa estrognoficamente sensível” e “pessoa que merece nosso respeito tecnológico”.

Carro Velho era um vendedor de rua e hoje trabalha como funcionário público de baixo escalão na prefeitura local e como apresentador de programas em emissoras de rádio e TV também locais. Se formos tomar sua fala em aspecto mais amplo, até a impostação de voz e a articulação das palavras ajuda a compor um estilo diferenciado de fala que se opõe aos padrões comuns esperados da simplicidade da origem e dos poucos estudos do falante. Porém, focando-nos nos aspectos lexicais, vemos que esse falante foi capaz de produzir um profícuo conjunto de expressões que, se pelo lado referencial não são capazes de produzir muita representação, por outro são repletas de sentido estilístico e cultural. Seu estilo é baseado claramente no mito do “falar difícil” que eleva o *status quo* do falante em certos ambientes e o individualiza em meio à multidão.

Vale ressaltar que, no cenário em que o discurso de estabeleceu, a estratégia foi tão boa e o resultado foi tão marcante que, após essa participação na rádio local e o sucesso na Internet, o personagem, como informamos acima, foi convidado a trabalhar como radialista, garoto propaganda da TV local e atração de programas de entretenimento nacionais de televisão. De uma forma impressionante, esse falante compreendeu que o estilo poderia significar mais do que as palavras em si e soube tirar proveito pessoal disso estabelecendo um estilo individual com base em um padrão cultural bem conhecido.

⁵ O vídeo mais famoso desse personagem é disponível no Youtube em diversos endereços, bastando fazer uma pesquisa como o título “Carro Velho – o rei do elogio”.




Para o traço estilístico da propriedade

Creio que haveria poucos exemplos mais nítidos de uso do traço estilístico de propriedade do que o da falecida artista de cinema, teatro e televisão Dercy Gonçalves. Definimos o *traço estilístico de propriedade* como sendo *aquele que estabelece o nível de adequação de uma expressão linguística a um cenário dado*.

Certa vez, em uma entrevista de TV, ela declarou que o uso constante e chocante de palavrões do qual ela se servia se devia a uma necessidade de se diferenciar em meio à multidão de bons artistas brasileiros. Entre outras declarações, lembro-me de que ela afirmou que “é preciso saber usar palavrões para destacar-se, ainda mais sendo uma mulher.” A ideia é bastante simples e, mais uma vez, se baseia em um padrão cultural (neste caso, o padrão da propriedade da fala): ter coragem de falar um palavrão onde e quando ninguém esperaria ouvir, ainda mais sendo uma mulher (de quem a sociedade espera mais *finesse*) um é uma forma muito eficiente de aparecer em meio à multidão. A popularidade pode ser vista como uma necessidade na vida artística e Dercy Gonçalves construiu parte de sua carreira por meio do uso inapropriado (do ponto de vista dos padrões mais castos) de palavrões nos mais diversos ambientes culturais.

Porém, há de se perceber que os constantes palavrões ditos por Dercy Gonçalves, muitas vezes, não tinham qualquer valor referencial, não representavam nada além do fato estilístico em si: o *sentido da sua inadequação*, que fazia todos rirem e se divertirem às custas do sacrifício de uma pretensa moral castiça da artista.

Dercy Gonçalves soube, como nenhuma outra artista brasileira, fazer uso de uma linguagem tida como imprópria para construir uma carreira que, mais tarde, acabou sendo símbolo de honestidade de até de valor moral. Os sentidos da inapropriação propositada da linguagem acabaram se fundindo com seu próprio personagem artístico, de maneira que ela se tornou uma espécie de arauto popular para todo aquele que não tivesse coragem de dizer em claro e bom (ou mau) som aquilo que seus sentimentos ditavam. Isso fez com que sua imagem dos últimos anos de vida passasse de *palhaça* (como ela mesma definiu) a *heroína* popular.



Para o traço estilístico da identidade

Finalmente, quero citar aqui o uso de traços estilísticos como marcas de identidade de grupo. Estes são os traços que *permitem identificar relações de pertença de um indivíduo a uma comunidade de fala*. Poderíamos, por exemplo, recorrer aos clássicos estudos de Labov sobre a pronúncia de fonemas por minorias norte-americanas, mas quero recorrer a outro exemplo que tem causado mais impacto atualmente: a pronúncia e o léxico dos grupos gays considerados “mais liberais”, que constituem um estilo popularmente conhecido como “bajubá” ou “pajubá”.

Apresentando esse estilo de fala, temos, hoje, uma grande quantidade de vídeos na Internet⁶ em que se mostram as palavras utilizadas por esses grupos, seus sentidos no grupo e suas pronúncias. O assunto já virou mote de quadros humorísticos⁷, demonstrando o interesse que desperta na população em geral. Além disso, já se encontra disponível um dicionário *on line* dessas expressões, chamado de “Dicionário Aurélia”⁸, que demonstra trabalho sistemático em relação a esse modo de fala.

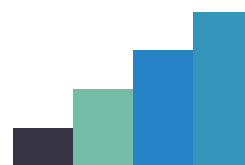
Antes estigmatizados como uma minoria desprestigiada, os últimos anos têm alterado profundamente o *status quo* da comunidade gay no Brasil da mesma forma como ocorre o mesmo fenômeno em outros países de todo o mundo. Isso tem duas consequências diretas:

- a. o aumento do prestígio de um grupo de falantes aumenta o prestígio de sua fala, como precisamente ensinou Bourdieu (1998);
- b. o aumento do prestígio da fala de um grupo a evidencia como forma de diferenciação muito eficaz de sua condição de grupo e se torna profunda marca de identidade.

⁶ Cito como exemplo: <http://www.youtube.com/watch?v=MmaHkCIGPsk>, acessado em 08. jul. 2017.

⁷ Cito como exemplo: <http://www.youtube.com/watch?v=lyfsapLHPPrQ>, acessado em 08. jul. 2017.

⁸ Disponível em: <http://entre-no-armario.blogspot.com.br/2010/02/aurelia-dicionario-gay-e-o-que-tem-pra.html>. acessado em 08. jul. 2017.



Assim é que o bajubá, com léxico e pronúncia peculiares, tem servido como forma de identificação de uma comunidade específica de falantes. Também, é um estilo repleto de sentidos outros, sentidos de ordem cultural que são evocados não apenas das próprias palavras, mas também da melodia de fala. Aliás, o próprio direito de usar o estilo quase o torna, em última instância, um bastião do próprio movimento de igualdade de direitos preconizado pelos gays.

Conclusão

Como se vê nos três exemplos de usos de traços estilísticos que mostramos, em cada um desses traços de fala, o estilo atua baseado e fundido a sentidos culturalmente construídos, que ele não somente expressa, mas também ajuda a criar e a sustentar.

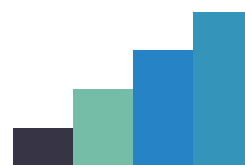
Fica evidente que um estilo se manifesta expressando sentidos além das palavras e dando à língua uma dimensão que vai muito além da mera referência. É nessas manifestações mais complexas e – por que não? – belas, da língua, que muitas das mais relevantes nuances de sentido se revelam, o que nenhum estudo tradicional sobre a “extensão do significado” ou sobre as “condições de verdade” de uma sentença poderia revelar.


E, nessa riqueza da complexidade das manifestações linguísticas de sentido e estilo, a SCC e a Estilística podem fazer um belíssimo trabalho conjunto, identificando, evidenciando, descrevendo os valores dessas múltiplas formas de uso da linguagem humana.

Referências

AUSTIN, John. L. *How to Do Things With Words*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



- BASSO, Renato. M. e FERRAREZI JR., Celso. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo, Contexto, 2013.
- BLACK, Max. *Modelos e Metáforas*. Trad. de ZAVALA, V.S. Madrid, Ed.Tecnos, 1966.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CÂMARA Jr., Joaquim.M. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. 3ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978. (Série Linguística e Filologia)
- CHOMSKY, Noam. *Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da Mente*. São Paulo: UNESP/Cambridge, 2005.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.
- ECO, Umberto. *Kant e o Ornitorrinco*. Trad. José Colaço Barreiros. Algés, Portugal: Difel, 1999.
- EPSTEIN, Isaac. *Gramática do Poder*. São Paulo: Ática. (Série Fundamentos), 1993.
- FERRAREZI Jr., Celso. *A Pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: princípios e aspectos metodológicos*. Campinas: Mercado de Letras, 2018.
- FERRAREZI Jr., Celso. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- FERRAREZI Jr., Celso. *Livres Pensares*. Porto Velho: EDUFRO, 2003.
- FRANCHI, Carlos et alii. *Linguagem atividade constitutiva: teoria e poesia*. São Paulo: Parábola, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a Uma Teoria da Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HYMES, Dell. H. *Language in Culture and Society*. New York: Harper & Row, 1964.
- MARTINS, Nilce S. *Introdução à Estilística; a expressividade na língua portuguesa*. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- NOSELLA, Maria de Lourdes C. D. *A Belas Mentiras: A Ideologia Subjacente aos Textos Didáticos*. São Paulo: Moraes, 1981.
- POSSENTI, Sírio. *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- 

SAMUEL, Rogel. (org.) *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo; Cultrix, 2010.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo, Parábola, 2010.

STEINBERG, Marta. *Os Elementos Não-Verbais da Conversação*. São Paulo: Atual, 1988.

Submetido em: 03 mar. 2018.

Aceito em: 23 ago. 2019.

